Zuavos da Bahia: "a mais linda tropa do Exército"

» SIONEI RICARDO LEÃO
Jornalista especializado em história militar; autor de **Kamba'Race – afrodescendências no Exército brasileiro**

A referência sobre os zuavos da Bahia, no título, é do Conde D'Eu, último comandante do Império na Guerra do Paraguai: "A mais linda tropa do Exército com os oficiais inteiramente a par de todos os pormenores do serviço e orgulhosos de seu Batalhão". Outras personalidades teceram elogios semelhantes. O general Dionísio de Cerqueira os classificou como um dos melhores corpos do Exército. Moraes Filho escreveu que, uma vez na guerra, empenhados na luta, todos se distinguiam pelo valor.

Os zuavos da Bahia vestiam uniformes exuberantes, que tiveram como modelo o fardamento de corpos franceses existentes na Argélia. Na cabeça, usavam um gorro em forma de tronco cônico, geralmente vermelho. A indumentária se completava com largas bombachas, também vermelhas, presas por polainas, jaqueta azul aberta com bordados de trança amarela, guarda-peito do mesmo pano e o pescoço limpo, sem colarinho nem gravata.

Ao conquistarem a Argélia, em 1830, os franceses ficaram impressionados e decidiram, por deferência aos exímios guerreiros conhecidos como "zuaguais e zuagos", integrá-los ao serviço militar do país. Anteriormente, os turcos tinham adotado semelhante procedimento pelos mesmos motivos, quando dominaram regiões barbarescas. Ou seja, não podendo subjugar esses montanheses oriundos de uma tribo na fronteira com a Tunísia, ofereceram-lhes serviços no Exército Otomano.

A razão para a recriação no Brasil da tradição zuava é controversa. Uma hipótese é o relato de, na Guerra da Criméia, no século 19, ter morrido o tenente Eduardo de Villeneuve, do 1º Regimento de Zuavos — que era de origem francesa, irmão do Conde de Villeneuve, que foi ministro plenipotenciário do Império do Brasil na Bélgica.

O historiador Hendrik Kraay questiona. "Eduardo de Villeneuve não foi invocado na mobilização baiana. Além disso, companhias de zuavos foram criadas apenas na Bahia, e a única outra companhia negra organizada em 1865-66, no Recife, adotou o nome somente depois de se reunir aos zuavos baianos no Uruguai", argumenta Kraay.

Há referências de heroísmos de zuavos em vários episódios da guerra. A Batalha de Curuzu, entre 1º e 3 de setembro de 1866, é um desses momentos. Foram nesses combates que o capitão zuavo Marcolino José Dias se destacou. Ele teve a audácia de galgar a muralha inimiga por sobre as costas de um de seus soldados, tomar uma bandeira paraguaia e hastear o pavilhão verde-amarelo no lugar e gritar: "Está aqui o negro zuavo baiano!" Outro zuavo, oriundo de Itaparica, conhecido como Agostinho da Fontoura, teve a coragem e o ímpeto de hastear a bandeira do Império durante os combates que resultaram na conquista do Forte de Itaipu.



Uma trajetória famosa sobre zuavos é a de Dom Obá II, Cândido da Fonseca Galvão, suposto descendente de Alafim de Oió — soberano que reinou numa região que integra o território da Nigéria. O biógrafo de Dom Obá II, o historiador Eduardo Silva, narra que Galvão, depois de participar na guerra e se radicar no Rio de Janeiro, costumeiramente era recebido uniformizado, com muita reverência, por Dom Pedro II, no palácio imperial.

Em duas oportunidades, com apoio da Fundação Cultural Palmares, propusemos ao Exército Brasileiro que o legado dos zuavos, tal como ocorre com outras unidades históricas, merecesse reconhecimento formal. A primeira tratativa ocorreu em 2006. A resposta foi que a homenagem não se justificava em razão de, em 1992, ter sido concedido ao 28º Batalhão de Infantaria Leve (Campinas) a denominação de Batalhão Henrique Dias — herói das batalhas de Guararapes no século 17.

Na segunda investida, em 2017, o Comando do Exército mencionou que os zuavos, ao "chegarem ao Teatro de Operações, foram distribuídos entre vários batalhões". Essa ideia foi utilizada no sentido de que essas unidades não tiveram uma continuidade, foram desmobilizadas, o que é fato. Razão alegada pela instituição como suposta dificuldade de atribuir a uma tropa de infantaria, na atualidade, a designação de zuavos.

No entanto, essa alegação da descontinuidade é frágil. O 1º Regimento de Cavalaria de Guardas "Dragões da Independência", com o fim da monarquia, deixou de existir. Foi recriado em 1917 por uma provocação parlamentar do deputado e historiador Gustavo Barroso. O projeto levou a retomada da tradição por meio do uniforme histórico envergado em datas cívicas como as comemorações da Independência, em 7 de setembro.

Diante disso, registro a expectativa sobre esses fatos históricos, para que — com aval do Exército Brasileiro — tenhamos memória e interesse em ampliar conhecimentos e reconhecimento da mais linda tropa, os zuavos.

O mercado de capitais na agenda do país

» CARLOS ANDRÉ
Presidente da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima)

Novos ciclos de governos sempre abrem uma oportunidade para refletir sobre os rumos do país e avaliar as prioridades. É claro que, numa nação com tantos e tão importantes desafios, a lista é grande. Educação, saúde, habitação, saneamento e infraestrutura, por exemplo, estão sempre na agenda, como deve ser. Se é verdade que o Estado tem uma participação inegável nessa missão, também é fato que o setor privado pode — e deve — ser uma grande fonte de financiamento para projetos que precisam sair do papel. E é aqui que surge o mercado de capitais como elo entre quem precisa de recursos e o investidor que busca as melhores oportunidades de alocação para seu dinheiro.

Por se tratar de uma nação com enormes limitações orçamentárias por parte do poder público frente às expressivas necessidades de investimento, um mercado de capitais funcional e vibrante torna-se ainda mais estratégico para o desenvolvimento do país. Se olharmos para as economias mais desenvolvidas do planeta, é fácil perceber que um dos pontos que elas têm em comum é um mercado de capitais maduro, capaz de prover os recursos necessários para os mais variados tipos de projetos e negócios, especialmente aqueles relacionados à infraestrutura.

Por aqui, caminhamos muito nos últimos anos, e os números mostram isso com clareza. As emissões domésticas de títulos de renda fixa e renda variável somaram R$ 611 bilhões em 2021, um crescimento espantoso e expressivo de 312% em 10 anos. Nos últimos anos, boa parte dessa alta foi puxada pelas debêntures. O volume de emissões desse tipo de título passou de R$ 64 bilhões para R$ 250 bilhões de 2016 a 2021.

Entre as empresas que captaram recursos recentemente usando esse instrumento, vemos a presença de vários segmentos da economia, como varejistas, petroleiras, empresas do setor de energia, de construção civil e até de saúde. Além disso, não posso deixar de mencionar o boom de lançamento de ações (IPOs, na sigla em inglês) ocorrido entre 2020 e 2021, que contou com 73 operações, levantando um volume de R$ 107 bilhões.

A Anbima tem procurado fazer a sua parte, atuando em todas as frentes possíveis para promover o crescimento, o aperfeiçoamento e o dinamismo dos mercados financeiros e de capitais. Entre outras coisas, isso é resultado de um ambiente de grande abertura e colaboração com os órgãos reguladores. Um bom exemplo é a nova regulamentação para ofertas públicas de valores mobiliários (Resolução CVM 160), publicada em julho e que deve entrar em vigor no começo do próximo ano, trazendo, entre outros aperfeiçoamentos, mais agilidade para os processos de registro dessas operações de mercado. A Anbima participou ativamente das discussões sobre a nova regra no período de audiência pública e, com isso, ajudou o regulador a chegar a uma redação final positiva para todos.

Ao avançar no seu papel de financiador de novos projetos e do crescimento das empresas, o mercado de capitais reduz esse ônus do Estado, que pode se concentrar nas tarefas de estruturação de projetos de concessão pública, PPPs e venda de ativos não estratégicos. Mas a responsabilidade do Estado vai muito além e é condição necessária para que tudo possa avançar. Espera-se um ambiente macroeconômico sustentável e previsível, com uma agenda de governo na qual os agentes de mercado percebam responsabilidade fiscal e que dê andamento às necessárias reformas estruturais que continuam na pauta, como é o caso da tributária, para que a economia ganhe mais dinamismo.

Estabelece-se, assim, um ciclo virtuoso em que um ambiente macroeconômico favorável impulsiona o mercado de capitais que, por sua vez, reduz a necessidade de recursos públicos para o financiamento de projetos. Assim, libera dinheiro para setores essenciais, como saúde, educação e segurança pública, com menor pressão sobre o endividamento e viabilizando maiores taxas de crescimento potencial de nossa economia. Ainda que essa descrição seja uma simplificação de uma realidade complexa, tenho certeza de que, com cada um dos agentes envolvidos nessa dinâmica cumprindo o seu papel, daremos os passos necessários na direção daquela nação grandiosa que almejamos ser.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // *circecunha.df@dabr.com.br*

Educação em pacote

É preciso reconhecer que a desigualdade social e a ausência de serviços básicos e essenciais, ao atingir em cheio as famílias de baixa renda, provocam como resultados mais nefastos e prolongados a chamada pobreza infantil. É, justamente, ao atingir os membros mais frágeis desse grupo de pessoas que os efeitos da má distribuição de renda acabam provocando um conjunto enorme de consequências negativas que se refletirão ao longo de toda a vida desses indivíduos, a começar pelos ruins desempenhos escolares, mesmo em estabelecimentos de ensino de baixa qualidade. Em outras palavras, as desigualdades sociais e econômicas estão na base de todo o sofrível sistema de ensino público no país.

Na verdade, as escolas públicas, em sua totalidade, refletem e perpetuam a má distribuição de renda do país, causando, na grande maioria, cidadãos de segunda categoria, merecedores apenas de uma educação de baixa qualidade que os incapacitam de prosseguir adiante e progredir na vida adulta. Com uma receita como essa, que ainda inclui saúde, transportes e moradias de segunda categorias, não surpreende que nosso sistema público de educação se encontre relegado eternamente às últimas posições dos rankings mundiais de avaliação de ensino e aprendizagem.

Diante da omissão histórica do Estado no setor da educação é que muitos lares vêm adotando o chamando homeschooling. Trata-se da educação empreendida em casa pela família. O crescimento no número de famílias que têm adotado esse regime caseiro de ensino não para de crescer e, por isso, tem chamado a atenção das autoridades. A questão de fundo colocará a atual realidade das escolas públicas, invadidas por ideologias de todo tipo estranhas ao meio, e mesmo o sucateamento dessas instituições e milhares de famílias que passaram a ver nesses locais um ambiente desestruturado técnica e moralmente.

Não há como desvincular, ou mesmo realizar, uma educação de qualidade de outros fatores de ordem econômica e social. Nesse sentido, é impossível empreender uma educação pública típica de países desenvolvidos com os atuais indicadores sociais típicos de países do terceiro mundo. Esse é o dilema do país. Como existir escolas públicas de excelentes níveis de aprendizagem quando se verifica que, em muitas delas, os alunos só vão porque encontram algum tipo de refeição diária?

No Brasil profundo, perdido no tempo e no espaço, em que os gestores políticos são os primeiros a não acreditar no poder transformador da educação, é comum a existência de escolas sem teto, sem cadeiras e onde os alunos assistem às aulas de pés no chão, sem conforto ou qualquer tipo de perspectiva melhor. Se atrelarmos o ensino público atual às mudanças necessárias à melhoria de vida da nação, então será preciso esperar ainda um bom tempo para que o Brasil se integre como país de primeiro mundo.

Pelo andar dos acontecimentos e em meio à crise política, econômica e social sem precedentes, é possível que o Brasil não consiga atingir tão cedo a almejada posição de liderança mundial.

Não há remédios alternativos. Educação pública de alta qualidade não se faz apenas com políticas educacionais mas, sobretudo, com políticas sociais de alta qualidade, o que equivale a dizer menor desigualdade na distribuição de renda aliada a serviços básicos também de alta qualidade.

» A frase que foi pronunciada

"Esse privilégio de sentir-se em casa em qualquer lugar pertence apenas aos reis, às prostitutas e aos ladrões"

Honoré de Balzac

Estranho

» Na 107 Sul, onde ficava o Batalhão de Trânsito, está instalado um escritório misterioso. Vidros reflexivos, carros entrando e saindo, nenhuma sinalização. Os moradores não escondem a preocupação.

Arte

» Brasília recebe o Festival de Cinema Italiano, com sessões híbridas, presenciais e on-line e totalmente gratuitas. Veja no *Blog do Ari Cunha* o passo a passo para ser espectador dessa arte.

Um átimo

» Para quem reclama que a Câmara Legislativa do DF é devagar, basta acompanhar a votação de crédito adicional à lei orçamentária do DF. Outra iniciativa interessante é a discussão sobre a reparação de danos em calçadas e vias, em geral causados por pessoas jurídicas. Realmente um absurdo.

» História de Brasília

Ninguém explicou, nem ninguém sabe o que houve, mas o IAPB recebeu inscrições para financiamento no ano passado, e até hoje não deu solução.
(**Publicada em 13/3/1962**)